



OSWALD DE ANDRADE ENTRE EMIGRANTES, expatriados e marginais

Matildes Demetrio dos Santos¹

O tempo é assim, precisa ser iluminado. Então num minuto a gente vive o conteúdo de séculos. Ai de nós se não houvesse essas compensações!

Oswald de Andrade, *A revolução melancólica*

Nos anos de 1930 e 1940, era comum o autor noticiar projetos em andamento e até publicar trechos do futuro romance em jornais e revistas, antes da publicação em livro. Marco Zero de Oswald de Andrade, cujo projeto era ficcionalizar a história das transformações sociais ocorridas em São Paulo, desde 1929 até 1940, discutindo as reações da população local, após a derrocada do café, ganhou forte repercussão na imprensa.

Com o projeto, o polêmico escritor buscava interpretar o Brasil e traçar planos para a modernização e mudança para o país, fazendo com que todos acreditassem que se tratava de “um teste definitivo” para ele, como um intelectual disposto a tornar visíveis seguimentos diferenciados da sociedade brasileira, numa espécie de crônica fragmentada do cotidiano, abordando questões culturais, históricas e sociais. Antonio Cândido, no ensaio “Estouro e libertação”, sublinhava a importância da obra para o legado artístico do romancista: “Todos sentiam confusamente que em Oswald de Andrade o homem de ação literária superava o escritor e que esta ação havia sido, sobretudo, de presença. Uma presença enorme, catalisadora, barulhenta, remexedora por excelência” (CÂNDIDO, 1970, p. 46).

De fato, da Trilogia do exílio, com *Os condenados*, *A estrela do absinto* e *A escada vermelha*, à irreverência estrutural de *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, Oswald movia-se no terreno das novidades literárias, alicerçado pelos programas estéticos das vanguardas europeias. Filiado ao partido comunista, mostrava-se no contexto belicoso de 1940, bastante empenhado na luta em favor da liberdade social, publicando artigos nos jornais de São Paulo e fazendo conferências na tarefa de “escrever a história”, promovendo o diálogo entre reflexão política e produção literária. Nesse quadro, a escrita de um romance social, apontando para uma saída, que libertasse o país dos problemas, atendia às expectativas da época. Fiel a esse objetivo, Oswald empreendeu uma longa pesquisa sobre a história de São Paulo, do latifúndio à industrialização, contrapondo a cidade e o campo, a riqueza e a pobreza. O trabalho ficcional conteria elementos do real, que permitiriam ao leitor usufruir de um texto elaborado a partir de sistemas distintos de referência. Otimista, apostava no sucesso do novo empreendimento:

Acho que Marco Zero vai acabar como o meu afastamento do público que lê... Porque procuro dar conta, em ordem direta, dos episódios, que todos nós vivemos, neste grande decênio que começa em 1932 e vem até 1942 [...]. É um processo literário completamente maduro, o resultado de todas as minhas anteriores experiências modernistas... Os meus livros

¹ Matildes Demetrio dos Santos é professora na Universidade Federal Fluminense

anteriores encerram apenas experiências de estilo variadas e agressivas. Agora fiz uma obra de trabalho sereno, isso me custou muito esforço e paciência (Apud, BOAVENTURA, 1995, p. 208-209).

Na certeza de seu ideal, Oswald viajou para o interior paulista e lá, com o sogro, Pascal Guerrini, proprietário de terras na região de Piracicaba, foi fotografado de caderneta e lápis na mão, numa referência ao método de pesquisa utilizado para coletar o material que seria tematizado no livro. O olhar se deteve na observação dos moradores do sertão litorâneo paulista, habitado por famílias de origem portuguesa, espanhola, italiana, síria, japonesa, grupos independentes uns dos outros e presos aos próprios interesses. Convivendo com eles, num patamar social de superioridade, havia a elite de tradição colonial e oligárquica, que cobria as atividades políticas e era responsável pelas principais transações comerciais do lugar. Aqui e ali, desterritorializados, viam-se os caboclos, os negros e os mestiços, uma diversidade étnico-racial herdeira do escravismo, que vivia desagregada do corpo social. Para o narrador de *A revolução melancólica*, que tudo vê e interpretar, esse grupo constitui a negação, a exclusão e o racismo: “A indolência, o alcoolismo e a doença venérea completavam a paisagem sacrílega da colonização” (ANDRADE, 1991, p. 93).

Na nota de redação da revista *Boletim de Ariel* (IV, 6, 1935), Oswald de Andrade planejava dividir a obra em três volumes cíclicos: *Beco do esgarço* (industrialização), *Terra de alguns* (latifúndio) e *A presença do mar* (imperialismo). Depois, diante da riqueza do material coletado, decidiu ampliar o número para cinco livros: *A revolução melancólica* (São Paulo, da queda do café à Revolução Constitucionalista de 1932), *Chão* (a transformação da sociedade latifundiária em pré-industrial, a questão da propriedade e o bônus demográfico), *(Beco do esgarço* (a Aliança Libertadora e o golpe político de 1937), *Os caminhos de Hollywood* (o cenário político de 1937 a 1939). Por fim, *A presença do mar* (o crescimento potencial do Brasil no conflito mundial). Na análise de Sérgio Milliet, esse levantamento sócio-econômico, político e cultural acompanharia, “a transformação de uma sociedade latifundiária semifeudal em uma sociedade pré-industrial, graças não só à imigração intensa e à subdivisão da propriedade, mas ainda às crises do capitalismo e aos efeitos das guerras internacionais” (vide ANDRADE, 1978, contracapa).

Em 1941, enquanto redigia o primeiro volume, Oswald viajou para os Estados Unidos e, na volta, informava que John dos Passos, o escritor norte-americano, insistiu para que concorresse à seleção preliminar de obras de autores nacionais para o II Concurso Literário Latino-Americano. A ideia de representar o Brasil num certame internacional animou o ficcionista e, com a ajuda de Maria Antonieta d’Alkimin, em “dois meses redigi[u] 364 páginas de *A revolução melancólica*” (ANDRADE, 1990, 76), o que lhe garantiu a inscrição no concurso. A comissão examinadora, composta por Manuel Bandeira, Álvaro Lins e Prudente de Moraes Neto, escolheu Marco Zero I e *Terras do sem fim* de Jorge Amado, como os dois melhores romances. Incisivo, Oswald ofereceu mais detalhes sobre o livro: “Estudei bem o fenômeno, do ponto de vista sociológico e, assim, tenho a impressão de que o meu romance fixa o verdadeiro sentimento do drama. Em meu livro procurei estudar as consequências da derrocada do café” (ANDRADE, 1990, p. 75).

No capítulo seguinte à premiação, ele retirava Marco Zero I da competição afirmando que os membros da nova comissão julgadora, Tristão de Athayde, Múcio Leão e Pedro Calmon, não lhe inspiravam confiança. E aproveitava a ocasião para informar que várias editoras brasileiras estavam interessadas na publicação do romance e que John dos Passos negociava uma versão em inglês para ser lançada nos Estados Unidos. O fato

é que, em 1943, *A revolução* foi entregue ao público e, no ano seguinte, *Chão*, o segundo romance, chegava às livrarias. Depois, sem dizer uma palavra, Oswald interrompeu o projeto e silenciou sobre as intenções de levá-lo adiante. Pouco tempo depois, rompia com o Partido Comunista, afirmando que a facção perdeu a sua legitimidade ao colaborar com a política de Vargas, num momento em que os movimentos de resistência contra os regimes totalitários cresciam em favor da liberdade de ação e pensamento.

Ainda hoje, Marco Zero não perdeu o seu potencial crítico ao colocar em debate a sociedade urbano-industrial de uma São Paulo com muitos problemas, cenário menor de um Brasil que havia suspenso as imigrações continentais e apelava para a mão de obra nordestina, a mais indicada para substituir o colono europeu. Por sua vez, os nordestinos deixavam a sua terra natal, embalados pelo sonho de viver na cidade grande, mas vinham encontrar o estado paulista falido, com muitos fazendeiros arruinados. Enquanto isso crescia a atividade dos especuladores, homens de negócio e banqueiros, que se aproveitavam da crise para enriquecer. Parafrazeando a opinião do autor, os dois romances “valem principalmente como verdadeiro mural que são da sociedade em que vivemos” (ANDRADE, 1990, p. 92).

De fato, Marco Zero recupera a memória dos desprezados e esquecidos, num esforço de refazer a história de lutas, de derrotas e algumas conquistas de uma multidão de pessoas que habita ou perambula pelas fazendas e roças, vivendo em sonho o êxodo do campo. Na abertura de *Chão*, as duas epígrafes, em forma de diálogo, comprovam o *oco*, ou o *vazio* (as palavras são de Octávio Paz ao analisar a condição da América Latina frente à hegemonia norte-americana), da situação agrária que não se resolvia por ter no seio da burguesia avançada um regime feudal:

- Tem muito chão...
- Quem?
- O Coroné.

Ao que o japonês, com mentalidade alargada, acrescenta: “- Tera munto non dá rucro” (ANDRADE, 1978, s/n).

Há por parte de Oswald de Andrade, um esforço para demonstrar que o povo brasileiro é um estrangeiro na própria terra: no campo, maltratado, não sente que a terra é sua; na cidade, por não ter uma cultura especializada, é marginalizado. E, como exemplo desse realismo paradoxal, soma uma pluralidade de enfoques, de opções ideológicas, religiosas e estéticas, com prejuízo para índios, negros e mestiços, levados a considerar o estrangeiro como o *outro*, com quem não tem afinidade e vice versa. Também não falta a ousadia de denunciar a exclusão social, consequência do oportunismo populista e do dogmatismo religioso, que legitimavam o capitalismo sem lei nem cidadania no trato com os miseráveis.

No empenho de intensificar a dimensão do fato observado, Oswald se utiliza da técnica da pintura mural. O gosto pela estética muralista veio com as lições de um dos mestres da pintura mexicana, David Alfaro Siqueira, que visitou São Paulo no início da década de 1930 e contribuiu para promover o interesse da intelectualidade brasileira pela arte política, documental e utilitária, apta a representar o dinamismo do cotidiano e compor através dele, um painel crítico do mundo real. Afinado com a visão estética de Alfaro Siqueira, o modernista salientava: “nas ruas, há os gestos dos homens, as máscaras dos homens e há mais, há a luta de classes, que os artistas mexicanos souberam fixar nos murais, com a técnica mais avançada de nossos dias” (ANDRADE, 1972, p. 105).

Com isso, o assunto do romance é monumental e o painel descrito é grandioso, com latifundiários, posseiros, grileiros, emigrantes, comerciantes, trabalhadores, operários, militares, revolucionários – enfim, uma multidão de figurantes de nacionalidade, origem econômica distinta e ideologia conflitante. No arranjo estético do conteúdo, é criado o efeito de estranhamento ao mostrar sujeitos em cenas curtas e fragmentadas, cuidadosamente organizadas e revestidas com palavras, plenas de significado. Cada “ator” tem a sua linguagem e um ponto de vista de acordo com a sua natureza e cultura, o que leva a um cruzamento de vozes e de perspectivas. Daí a descrição do *Expresso de Xangai*, assim era chamado o trem, que saía de Santos para o interior, que simboliza a imagem da heterogeneidade cultural do Brasil: “Na segunda classe desiluminada, com escarros, fumaças e conversas em todas as línguas, iam todas as raças humanas” (ANDRADE, 1991, p. 29).

Como se trata de pintar um painel com palavras, Oswald se utiliza de elementos descritivos, com cores fortes. Muitos episódios são construídos por meio do aspecto físico das personagens e da composição colorida do ambiente como num cenário teatral. A trama surpreende as pessoas nas ruas, nos bares, na escola ou na igreja, em rituais católicos, ou em enterros, gente espalhada que, sem a intervenção subjetiva do narrador, expressam os seus desejos e suas inquietações numa dicção própria. É o que se depreende do diálogo de Elesbão, um pequeno proprietário, com o índio Belarmino. Eles falam de um lugar onde a terra era o sonho de um ideal só possível na ingenuidade de falantes iletrados:

- Diz que na Rússia tão dando terra pros trabaiaadô...

O outro velho parecia interessar-se.

-Mecê qué me levá inté lá?

-Num sei adonde é...

(ANDRADE, 1991, p. 29)

Às vésperas da Revolução Constitucionalista, Oswald de Andrade percebia mentalidades que se opunham, numa falta de compreensão em relação ao outro. O discurso é, muitas vezes, uma construção para legitimar o medo e não para articular um sentido de reconhecimento e integração: o cidadão regional se arma e hostiliza a migração japonesa que, no livro ganha destaque com a presença numerosa de personagens nipônicos. No artigo de Lírio do Vale, jornalista de a *Voz de Jurema*, uma invasão japonesa estava em marcha, com a intenção de conquistar o território brasileiro:

No criado, no chofer, no lavrador, no jardineiro, no comerciante, no pescador ou no burocrata... ou no milionário, enfim, em qualquer ramo em que se desenvolva sua aparente atividade, está o técnico, o militar, o sociólogo, o polígrafo, o informante e o repórter a estudar, a inquirir, a observar e a transmitir memórias, relatórios e estatísticas para a sede desse formidável quartel-general que, em Tóquio, prepara a maior guerra de conquista de que a história humana jamais teve ideia (ANDRADE, 1991, p. 22).

O discurso de Lírio reproduzia a onda de boatos que corriam sobre possíveis invasões vindas do exterior, procurando incutir na mente do cidadão comum a obrigação de uma ação coletiva contra tal dominação. O narrador, por seu lado, contribui com uma reflexão séria, reconhecendo a determinação do asiático para se integrar ao solo que o acolhia: “O japonês chegara também pelo mar, percorrera as mesmas estradas penosas e desertas. Mas trazia a cooperação, e o *dumping*” (ANDRADE, 1991, p. 25).

Na virada do século XIX para o século XX, com o cenário propício a todo tipo de utopias e projeções, surgem os planos de expansão e modernização dos estados mais importantes da federação. Ao lançar o olhar sobre esse contingente humano, Oswald de

Andrade percebeu que os migrantes internos, muitos analfabetos e herdeiros da longa tradição escravista, não tinham qualquer possibilidade de participação nos circuitos culturais e econômicos. Ao passo que os estrangeiros recém chegados tinham uma unidade garantida pelo estado e pela religião de seus países de origem e traziam na bagagem, como lastro inspirador, as novas ideias europeias, o que acentuava os estigmas de inferioridade das populações brasileiras. O migrante, no processo de aculturação ao solo brasileiro sofre o desajuste, mas a marginalidade quem a conhece é o brasileiro e Oswald de Andrade se vale de tal pano de fundo para contrastar o personagem brasileiro e o personagem estrangeiro. É importante assinalar o modo como o trabalho e a perseverança distinguem o emigrante. Salim Abara, armênio de nascimento. Ele atravessou sozinho o oceano e, se a terra nova representava o desconhecido, logo se traduziu na recompensa que esperava. Salim trabalhou duro e, com equilíbrio venceu na vida. Mandou vir a mulher de Beirute, teve filhos, se abrasileirou. Sua loja era a mais abastecida da região, venda de um lado, armarinho e casa de armas do outro. Para o povo das fazendas e da vila, não chegava a ser um intruso, mas “o turco que pedia 70 para deixar por 40” (ANDRADE, 1991, p. 24-25).

Também o japonês, que chegava a São Paulo, se tornava proprietário e conseguia transformar uma região arcaica e fossilizada em produtiva. Foi assim com Nhô Muraoka, que adquiriu as terras de Elesbão, numa transação na qual prometia ao caboclo um salário de sobrevivência em troca de seus bens e submissão. Ironicamente, mesmo despojado de recursos, o matuto tem um sentimento de gratidão para com o japonês: “Nhô Muraoka paga três merréis a seco. Miliquinhento coa bóia. As criançada ganha a bóia...” (ANDRADE, 1991, p. 25). Em geral, os japoneses assim como os mulatos causam estranheza. Eles são vistos com desconfiança e com frequência, acusados de serem desonestos e traiçoeiros, frustrando a expectativa de se ter uma sociedade mais humana e solidária.

Torna-se importante salientar como a narrativa de Marco Zero se alimenta da língua falada pelas classes populares, selecionando palavras e expressões que o ouvido apurado do romancista transcreve como uma amostragem linguística de um modo de sentir e pensar de indivíduos, que não têm acesso à cultura e à educação. E Oswald se vale do analfabetismo e da ignorância para construir a imagem do brasileiro desamparado em contraposição à imagem dos estrangeiros e maus brasileiros, inimigos do povo pela forma com que tratam os humildes.

Nos casos, onde predomina a opressão sobre a ignorância, o trabalho não traz satisfação e a moradia, apesar de ser uma alternativa ao abandono, pode ser insuportável. As condições de sobrevivência para Esmeralda, uma jovem negra e iletrada, não se alteraram com a vinda para a terra prometida, o Eldorado paulista dos nordestinos. Trabalho só como empregada na casa de Nicolau Abramonte, um emigrante italiano, que deixou o seu país, na esperança de encontrar uma nova Canaã cheia de oportunidades no Brasil. A sua história é semelhante à de muitos que migraram pensando que Santos era Buenos Aires. Nicolau não sabia falar a língua portuguesa, mas pegou na enxada e, junto com a esposa Filomena, começou a trabalhar sob a vigilância de feitores armados. Com o tempo, comprou um sítio, plantou cana-de-açúcar, fez álcool e cachaça para vender. O negócio prosperou e o italiano tornou-se rico e prefeito de Jurema. Sem perder de vista o personagem, o narrador adverte que, em essência, Nicolau permanecia o que sempre foi: “Nas oficinas nascentes, como no campo antigo donde viera, explorava até os ossos os parentes pobres, os compadres, o próximo em geral”. E com impertinência, julga o italiano pelo que ele tinha de reacionário e pretensamente religioso: “Tinha um retrato de

Mussolini e uma ceia de Cristo na sala de jantar e admirava vagamente a Rússia soviética” (ANDRADE, 1991, p. 86).

No controle da casa, estava Filomena, guardiã das regras familiares, reproduzindo o comportamento autoritário do marido no trato com os empregados. Ela era a que controlava e vigiava Esmeralda pelos quatro cantos da casa, chamando a “pretinha”, a “negrinha”, a “tiçon”, como se a moça não tivesse nome. Elesbão e Esmeralda são os subalternos, que têm suas vidas apagadas no espaço social porque não conseguem dar o salto que os libertaria da servidão. Metaforicamente, eles estão condenados a sofrer e para eles não tem salvação possível.

Antenado a demandas políticas e econômicas divergentes e contraditórias como as que existiam, Oswald de Andrade não exagerava e reconhecia que era difícil realizar a modernização que o Brasil precisava se a maioria da população continuasse excluída dos círculos de difusão da cultura. Talvez por isso, o segundo capítulo de *A revolução melancólica* tenha como tema o descaso da República em relação à área educacional. Na Escola do Cavalo Azul, o método aplicado às crianças é o da repetição de uma história inócua e de frases de cunho moral, que enalteciam o Brasil como “O país mais belo e mais rico do mundo”, onde o céu, os campos e a vida – tudo enfim, era belo e perfeito. Frases que, na intenção oswaldiana, faziam a defesa das grandezas ilusórias.

Na escola articulada com a oligarquia dos estados, foi sugerido à professora do Grupo Escolar, Dona Eufrásia Beato, que no início das aulas, fosse feita uma chamada patriótica, indicativa da origem de cada aluno. Pelo nome dos meninos e meninas da turma: Kioto Nassura, Sakueto Sakuragi, Jesué dos Santos, Josefa Antunes, Massau Muraoka, o autor forja uma imagem de uma escola democrática, que ignora os contrastes e todos têm as mesmas oportunidades. No entanto, um trágico incidente ocorrido durante a aula de Instrução Moral e Cívica desmente essa *verdade* e expõe as diferenças hipocritamente encobertas. Idalício Diadermino, um caboclinho esbranquiçado, de pés sujos, cheios de bicho, vestido com uma camisa em trapos, ao ficar de pé na sala de aula, não aguentou e caiu morto no chão: “A professora correu. Ele estava estendido no soalho, com os olhos vidrados”. Ironicamente, um garoto da turma revelou a causa do mal que vitimou o colega: “- Japonese non cai porque traz lanchi...”. (ANDRADE, 1991, p. 51-52).

Seja como for, em Marco Zero I e II, a realidade conflituosa do país se acentua, com o romancista registrando de forma incisiva o caráter excludente dos poderes públicos e a profunda indiferença da elite nacional, em relação aos expatriados do país. E o primeiro romance termina com o fracasso da Revolução, porém os grupos agarrados à vida se reorganizam e a fé do narrador prevalece ao fazer a apologia do entrosamento dos grupos formadores da humanidade social do país, imaginando que o Brasil superaria o hibridismo da cisão entre o arcaico e o moderno, com as populações da cidade e do interior perfeitamente integradas: “O Brasil... As proximidades étnicas do negro, do índio e do europeu medieval, tudo isso iria no roldão de um dia novo. De um dia industrial”. Esperança que Leonardo Mesa, militante comunista, endossa ao fechar a narrativa com os versos de Gabriel Garcia Marques: *Que se cumpla la voluntad de la tierra que da sus frutos para todos* (ANDRADE, 1991, p. 260)

No romance seguinte, a ação revolucionária se vulgariza e a ideia de formar uma comunidade fraterna de trabalhadores livres, com brasileiros e emigrantes trabalhando conjuntamente não acontece. No último capítulo, “Somos um Eldorado fracassado”, Jango, companheiro de Leonardo Mesa, chora ao perceber que a saída para a transformação cultural e social do Brasil não dependia de sentimentos de rebeldia:

Jango chorava. As nuvens tinham se espedaçado em vermelho atirando ao açude grandes riscos alaranjados. A água se tornava cor da serra azul-ferrete. E tudo mergulhou, águas e árvores num fogo noturno. E seu coração afogou-se do medo de tê-la perdido para sempre (ANDRADE, 1978, p. 286).

Naquela altura, a modernidade passava longe, principalmente, do interior do Brasil, a terra não foi dividida e não havia possibilidade do país se livrar de um regime enrijecido por mecanismos de opressão e entregue à cobiça dos exploradores. Marco Zero não desconstruiu o poderio dos conservadores e o escritor Andrade, à moda dos românticos, optava pelo fogo, símbolo ambíguo da destruição/renovação: epifania que propiciava o fechamento de um ciclo e abertura para outro tempo, o da espera imprevisível e indeterminada.

Enquanto, Oswald aguardava a modernização educacional e cultural do país a ser feita pelos revolucionários comunistas e pelos trabalhadores mais humildes, na crônica “Conversa de livraria”, Graciliano Ramos animava os círculos intelectualizados do Rio de Janeiro, com a pergunta: “Onde andarás a esta hora o Oswald?”. E prosseguia, enumerando para o público as performances do *ator* que vivia pregando peças nos colegas. Dizia que, quando ele aparecesse, ao invés de tentar explicar o que aconteceu, inventaria histórias para o divertimento dos ouvintes. Deduzia, contudo, que o modernista acabou por negligenciar a própria contribuição literária e sucumbiu porque não conseguiu carregar o fardo do material recolhido:

Marco Zero, no período extenso duma gestação complicadíssima, cresceu tanto que não pôde nascer. Prometia ser uma plaqueta como *Serafim Ponte Grande*, mas com o correr do tempo foi tomando proporções rocambolêscas: em 1937 estirava-se por quatro volumes encorpados, e o material que o constituía derramava-se em oitenta cadernos. Uma ótima datilógrafa, ótima em todos os sentidos, copiava interminavelmente essa abundância, de que vi uns capítulos ótimos, no último andar duma esquina à praça Júlio de Mesquita, em São Paulo. Os cadernos e os volumes aumentaram: ocupam hoje parte dum arranha-céu em Copacabana (RAMOS, 1989, p. 161).

Oswald de Andrade se desvencilhou do encargo de concluir os cinco volumes idealizados para Marco Zero, mas por meio dos romances que ficaram, conseguiu captar a sensação de viver ambigualmente dos brasileiros, que vivem a experiência de serem estrangeiros na terra, que lhes viu nascer. Também acompanha a trajetória de emigrantes europeus e asiáticos, reconhecendo neles, o esforço de adaptação e o processo de aculturação. De um lado e de outro, percebe desequilíbrios e desajustes. Por fim, por força das circunstâncias sociais e econômicas reinantes no Brasil de 1940, no painel pintado por Oswald de Andrade, a migração não é um processo ressocializador. Na verdade, ela gera exclusão moral e social, mesmo quando o indivíduo se adapta ao novo lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de. Aspectos da Pintura através de Marco Zero. In: *Ponta de lança*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 103-110.

_____. *Marco Zero I A revolução melancólica*. São Paulo: Globo, 1991.

_____. *Marco Zero II Chão*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Os dentes do dragão*. Entrevistas. Pesquisa, organização, introdução e notas de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 1990.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O salão e a selva* Uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade. São Paulo: UNICAMP, 1995.

CANDIDO, Antonio. Estouro e libertação. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 33-92.

PAZ, Octavio. O labirinto da solidão. México: Cadernos Americanos, 1950.

RAMOS, Graciliano. Conversa de livraria. In: *Linhas tortas*. 14ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 1989, p. 160-161.

SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Mara Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Exílio intelectual: expatriados e marginais. In: *Representações do intelectual As conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 200, p. 55-71.

SANTIAGO, Silvano. Sobre plataformas e testamentos. In: *Ora (direis) puxar conversa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 200, p. 113-132.

_____. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SILVA, Ana Maria Formoso Cardoso e. *Marco zero de Oswald de Andrade: uma proposta de romance mural*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas. Acessado em 18 de abril de 2016.

Artigo Recebido em: 1º de maio de 2016

Artigo Aceito em: 26 de maio de 2016